

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



ARQUIVO NACIONAL
apresenta

VIDAS PRÍVACAS PRÍVIAS

A experiência da arte na esfera pública.

12 a 14 de novembro de 2018

Sobre

o colóquio

Apresentação

O Arquivo Nacional, o grupo de pesquisa A gravidade da imagem da Pós-graduação em Artes da UERJ e o grupo interinstitucional MODOS (Histórias da arte: modos de ver, exibir e compreender) firmam parceria com o objetivo de realizar este colóquio e a exposição Vida Brincante, que reúne fotografias do Imagens do Povo, Centro de Documentação Fotográfica do Observatório de Favelas.

O projeto Vidas Precárias prevê ainda outras atividades até 2020: uma pesquisa nos fundos de pesquisa do Arquivo Nacional, uma exposição com oito artistas, dois seminários envolvendo o tema das relações entre arte, memória e história.

Sobre O tema

Na arte, o sujeito não preexiste à obra. Ele nasce de uma experiência situada entre dois espaços, dois tempos, dois contextos distantes – a produção e a recepção. A distância cria sentidos precários, incertos, que só podem ser construídos por cooperação e reciprocidade, não por autorização. O artista só é mestre quando ignora a imagem e o espaço do olhar que produz.

Na perspectiva ética, a precariedade questiona a autossuficiência do indivíduo e afirma a interdependência como condição-chave para a vida realizar-se. Trata-se da consciência da sociabilidade originária do homem e da necessidade de criação de estruturas sociais, culturais, ambientais e urbanas que possam dar suporte à vida.

A precarização da existência que se difunde no atual estágio da globalização mercantil, contudo, manifesta total menosprezo pela vida. Como lutar a favor da vida e instituir uma sociabilidade construtiva na esfera pública? Como construirmos juntos a existência que nos diz respeito?

Para a formulação deste projeto partiu-se de uma constatação de Tzvetan Todorov: “não existe eu sem tu”. Essa afirmação se complementa com a declaração de Judith Butler: “a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro”.

Eis a questão fundamental do debate deste colóquio: qual o papel da arte na construção da vida-em-comum? Que lugar tem os sujeitos na vida coletiva? Distante de ideias nostálgicas, o comum não é pensado aqui como um bem que podemos

possuir, nem uma verdade à qual pertencemos, mas como cooperação que praticamos enquanto sujeitos coletivos. Vidas precárias pretende discutir a contradição sem fim entre a interdependência social e a autonomia das capacidades, tendo em vista a contribuição da arte na construção prática da vida.

Equipe técnica

Coordenador geral e proposito do projeto

Luiz Cláudio da Costa (UERJ)

Curadoria da exposição Vida Brincante

Francisco Valdean (Imagens do Povo)

Comissão científica e artística

Luiz Cláudio da Costa (UERJ)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Leila Danziger (UERJ)

Comissão Organizadora

Luiz Cláudio da Costa (UERJ)

Lucas Albuquerque (Bolsista Pibic/UERJ)

Karla Gama (Bolsista Pibic/UERJ)

Programação

do colóquio

12 de Novembro

Programação

9 h Abertura

Marcos André Rodrigues de Carvalho - Coordenador-geral de Acesso e Difusão do Acervo do Arquivo Nacional

Philippe Michelon - Cooperação científica, universitária e tecnológica do Consulado Francês

Luiz Cláudio da Costa - Coordenador do Projeto Vidas Precárias - UERJ

10 h Conferência

Arno Gisinger - Université Paris VIII
Figuras do exílio

12 h Almoço

14 h Mesa 1: O teatro e a comunidade

Carmen Luz - Companhia Étnica de Dança e Teatro
O salto, o voo e a aterrissagem - apontamentos críticos sobre arte, educação e cultura na favela

Isabel Penoni - Companhia Marginal de teatro
Cia Marginal: território, memória e política

15:30h Coffee break

16 h Mesa 2: Modos de ver

Maria de Fátima Morethy Couto - Unicamp
Os retirantes de Portinari: entre a crítica e a consagração

Sheila Cabo Geraldo - UERJ
Nas dobras da memória: imagem, colonialismo e resistência

13 de Novembro

9 h Mesa 1: Existência e resistência

Evando Nascimento - UFJF

O humano e o não humano: as plantas e a precarização da existência

João Roberto Ripper - Fotógrafo independente

Fotografia como direito humano

10:30h Mesa 2: O trabalho no Arquivo Nacional – Conversa com os artistas

Mediador: Luiz Cláudio da Costa

Livia Flores - UFRJ

Memória da paisagem, paisagem da memória

Patrícia Franca-Huchet - UFMG

Figuras de resistência

12 h Almoço

14 h Mesa 3: Coleções e arquivos

Emerson Dionísio G. de Oliveira - UnB

Colecionar imagens na era da pós-verdade

Ana Pato - Curadora independente

Arquivo e ficção: um programa de ação curatorial

15:30h Coffee break

16 h Mesa 4: O trabalho no Arquivo Nacional – Conversa com os artistas

Mediador: Luiz Cláudio da Costa

Floriano Romano - UFRJ

Histórias anônimas

Cristiana Miranda - UERJ

A hidra do Iguaçu

14 de Novembro

9 h Mesa 1: O trabalho no Arquivo Nacional - Conversa com os artistas

Mediador: Luiz Cláudio da Costa

Christus Nóbrega - UnB

O paraíba: profecia e prenóação nos fluxos migratórios

Leila Danziger - UERJ

Praça onze

10:30h Mesa 2: Resistências - anos 70

Pedro Hussak - UFRRJ

Estética e decolonização: "O Leão de Sete Cabeças" de Glauber Rocha

Ana Maria Albani de Carvalho - UFRGS

Conexões (in)tensas em circuitos precários

12 h Almoço

14 h Mesa 3: O trabalho no Arquivo Nacional – Conversa com os artistas

Mediador: Luiz Cláudio da Costa

Rosana Paulino - Artista

Vozes ocultas

Tato Teixeira - UERJ

As estações da pesquisa na imagem pensativa

15:30h Coffee break

16 h Conferência

Ruy Braga - USP

Insurgências plebeias: a política do precariado sob o novo neoliberalismo.

Minibios

e falas

Participantes

Arno Gisinger

Figuras do **exílio**

Artista e pesquisador da Unidade de Artes, Filosofia e Estética da Université de Paris VIII. Vincula fotografia e historiografia, desafiando a representação do passado e questionando o status das imagens fotográficas. Já expôs na França, Áustria, Alemanha e Vietnã. Realizou exposição individual na Galeria Nacional do Jeu De Paume em Paris. Participou em 2006 da Bienal de Fotografia de Lyon. Em 2012, realizou a exposição itinerante *Atlas*, suíte com Georges Didi-Huberman, exibida em 2013 no Museu de Arte do Rio.

La condition de l'exilé, livro de Alexis Nouss (2015), tornou-se um paradigma dos tempos modernos ao desafiar nossas sociedades contemporâneas globalizadas. Na conferência, pretendo considerar minha pesquisa artística, refletindo sobre a constelação de três biografias europeias paradigmáticas do século XX (Walter Benjamin, Heinrich König e Stefan Zweig), que nos mostram como as sobrevivências de destinos históricos ressurgem como uma fulgurância em nosso presente.

Carmen Luz

Artista da dança, do teatro e do cinema. Mestre em Artes pela UERJ. Diretora fundadora da Cia. Étnica de Dança e Teatro. Indicada ao Prêmio Golfinho de Ouro do Conselho Estadual de Cultura-RJ (2002 e 2004). Recebeu o Primeiro Prêmio Rio Mulher da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, menção honrosa em reconhecimento ao trabalho com Dança e Direitos Humanos nas favelas cariocas da Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil/RJ (2004) e o Prêmio Urbanidade do Instituto dos Arquitetos do Brasil, por suas performances e danças em espaços públicos do estado do Rio de Janeiro.

O salto, o voo e a aterrissagem
Apontamentos críticos sobre
arte, educação e cultura na favela.

Pretendo apresentar minha pesquisa artística sob a perspectiva da mistura de práticas da tradição e da cultura de invenção comunitária. Desejo abordar a atuação da Cia. Étnica de Dança e Teatro em sucessivos projetos artísticos e educacionais, considerando as ações “contra a miséria e pela vida” na zona norte do Rio de Janeiro entre 1996 e 2011. A apresentação será ilustrada com materiais audiovisuais, enfrentando questões do trabalho no período, bem como os desdobramentos atuais.

Isabel Penoni

Artista e pesquisadora. Diretora de teatro, cineasta e antropóloga. Atualmente, realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação de Artes Cênicas (PPGAC) da UNIRIO. É diretora fundadora do grupo teatral carioca Cia Marginal, respondendo pela direção dos espetáculos “Qual é a nossa cara?” (2007), “Ô, Lili” (2011), “In_Trânsito” (2013) e “Eles não usam tênis naique” (2015). No cinema, dirigiu “Porcos Raivosos?” (10’, 2012) e “Abigail” (17’, 2016), ambos exibidos na Quinzena dos Realizadores (Cannes 2012 e 2016) e premiados em diversos festivais nacionais e internacionais.

Cia Marginal: território, memória e política

Criada em 2005, no maior complexo de favelas do Rio de Janeiro, a Maré, a Cia Marginal desenvolveu uma linguagem cênica que articula território, memória e política, baseando-se em imersões sensíveis e reflexivas em contextos periféricos situados. Nesta comunicação, abordarei a trajetória e o projeto artístico do grupo, procurando localizar as estratégias poético-políticas de inscrição do “real” e discutir a noção de comunidade problematizada e (re)pensada a partir desses trabalhos.

Maria de Fátima Morethy

Professora e pesquisadora, atuando na graduação do Instituto de Artes da Unicamp e no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-Unicamp). Bolsista Produtividade do CNPq. Doutora em História da Arte pela Université de Paris I – Panthéon/Sorbonne. Autora do livro *Por uma vanguarda nacional: a crítica brasileira em busca de uma identidade artística – 1940/1960* (Ed. Unicamp, 2004) e coautora/organizadora das coletâneas *Espaços da arte contemporânea* (Alameda, 2013), *Histórias da arte em exposições: modos de ver e de exibir no Brasil* e *Histórias da arte em coleções* (Riobooks, 2016).

Os retirantes de Portinari: entre a crítica e a consagração

Em 1990, a historiadora Annateresa Fabris publica o livro *Portinari, pintor social*, no qual se debruça sobre várias das questões que tratarrei, entre as quais o rótulo de “pintor oficial do modernismo brasileiro” e a relação entre o estético e o ideológico no trabalho do artista de Brodósqui. Discutirei, ainda, as três grandes telas de retirantes datadas de 1944 e pertencentes ao acervo do MASP, analisando seu impacto no período e sua recepção hoje, perguntando-me o que elas restituem ao público, o que elas nos dão a ver.

Sheila Cabo Geraldo

Professora e pesquisadora, atuando na graduação do Instituto de Artes da UERJ e da Pós-graduação em Artes da UERJ (PPGArtes). Bolsista de Produtividade do CNPq e do Programa Prociência (UERJ/Faperj). Doutora em História pela UFF. Possui estágio pós-doutoral na Universidad Complutense (Espanha, 2007-2008). Foi editora da revista Concinnitas (Instituto de Artes da UERJ-PPGArtes, 2003-2011) e presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP, 2011- 20120). Publicou *Fronteiras: arte, imagem, história* (Beco do Azougue, 2014) e *Trânsito entre arte e política* (Quartet/Faperj, 2012).

Nas dobras da memória: imagem, colonialismo e resistência

Tendo sido aterrado em 1911, a revelação do Cais do Valongo em 2011, durante as escavações para as obras de reforma da região, fez com que se tornasse o maior vestígio material das raízes africanas aberto à visitação pública nas Américas. Apesar da memória de violência, nos últimos anos movimentos artísticos e culturais não só mantêm essa memória da Pequena África ativa enquanto resistência, como reinventam modos de habitá-la.

Evando Nascimento

Professor e pesquisador da Letras e do departamento de Línguas Modernas (UFJF). É escritor e ensaísta. Realizou Pós-doutorado na Universidade Livre de Berlim (2007). Ministrou palestras na Manchester University e Université de Paris. Publicações: *Derrida e a literatura* (3^a ed., 2015), *Clarice Lispector: Uma Literatura Pensante* (2012), *Pensar a desconstrução* (2005). Coordena a Coleção Contemporânea em Literatura, Filosofia & Artes da Civilização Brasileira. Publicou os livros de ficção *Retrato Desnatural* (2008), *Cantos do Mundo* (Finalista do Prêmio Portugal/Telecom) e *Cantos Profanos*.

O humano e o não humano: as plantas e a precarização da existência

Abordagem das plantas do ponto de vista da precarização da existência. De Aristóteles a Heidegger, a tradição filosófica considerou os vegetais como desprovidos de inteligência. Atualmente, filósofos e cientistas, como Michael Marder e Jean-Marie Pelt, em diálogo com Derrida e Levinas, têm revalorizado a “autonomia vegetal”. Propõe-se uma leitura do trabalho do artista Frans Krajcberg.

João Roberto Ripper

Fotógrafo e ativista dos direitos humanos. Criou a sociedade Imagens da Terra, entidade sem fins lucrativos, especializada em fotografia documental. Tem imagens publicadas no relatório Violência no Campo no Brasil (Anistia Internacional, 1988). Séries fotográficas: Carvoeiros (1992-1995) e Índios Kaiowás (1993). Exposições: Masp (1998), Pizhanger Manor Museum de Londres (2005), Biennale Internationale de la Photographie e des Arts Visuel de Liège na Bélgica (2006), Caixa Cultural do Rio de Janeiro (2009). Publicou o livro *Imagens humanas* (Mariana Arruda Marinho, 2009).

Fotografia como direito humano

O trabalho que costumo apresentar é uma projeção comentada sobre a fotografia como direito humano. Fala do estereótipo e da história única: mostro fotos e conto histórias sobre a quebra de estereótipos. Discuto a omissão da edição da beleza quando se fala sobre as áreas e populações menos favorecidas financeiramente.

Livia Flores

Artista plástica, pesquisadora e professora da EBA-UFRJ, atuando nos cursos de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFRJ) e em Artes da Cena (PPGAC-UFRJ). Participou de diversas mostras individuais e coletivas no Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro), Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), Museu Serralves (Porto, Portugal), Casa Daros (Rio de Janeiro), MAMAM no Patio (Recife), MACBA (Barcelona, Espanha), 26ª Bienal de Arte de São Paulo (São Paulo), Centre d'art Santa Monica (Barcelona, Espanha), Fundação Memorial da América Latina (São Paulo), Central Elétrica do Freixo, Porto (PT). Recebeu o 3º Prêmio Sergio Motta (São Paulo).

Memórias da paisagem, paisagem da memória

Ao relacionar temas como cidade e cidadania, busco tornar sensível/visível como certas demarcações se manifestam sobre territórios e corpos, como dispositivos e discursos definem (ou não) destinos. Interessa-me na minha prática artística lançar olhares capazes de revirar as camadas históricas que constituem nosso presente, transformando a percepção do ambiente que nos cerca, considerando o entrecruzamento de coordenadas históricas e geográficas, determinados territórios e suas respectivas narrativas.

Patricia Franca- Huchet

Figuras de **resistência**

Artista e pesquisadora. Professora do PPGArtes da UFMG. Doutorado e mestrado pela Université de Paris I | Sorbonne. Master 1 pela Université de Paris VIII. Pós-doutorado pela Université de Paris III. Trabalha sobre a imagem (literária e fotográfica) focalizando seu interesse pela reconstrução crítica da tradição pictural. Divide as suas atividades entre ensino, pesquisa, apresentações orais de trabalho, publicações, edições, curadoria de eventos e exposições. Coordena o Grupo de Pesquisa Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo. Participou de várias exposições e publicações no Brasil e no exterior. Em 2019, fará um pós-doutorado na EHESS em Paris.

A pesquisa artística de Patricia Franca-Huchet dá continuidade ao seu interesse pelo figural, pelo personagem e pela teatralidade do espaço e da imagem. Antígona, em processo desde 2017, abriu a reflexão sobre esta personagem de envergadura histórica e universal, que possui características que ressoam muito na vida psíquica das mulheres hoje em dia. Judith Butler evoca a dimensão antropológica e feminina de Antígona, a primeira mulher que forjou a chance e a capacidade de produzir um conhecimento, uma arte e um modo de sobrevivência. Busca-se imagens relacionadas no âmbito da antropologia do visual como figuras do tempo.

Emerson Dionísio G.

Colecionar **imagens** na era da pós-verdade

Professor e pesquisador, atuando nos cursos de Artes e da Museologia da UnB. Atua também na Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-UnB) e Arte e Ciência da Informação (PPGCinf-UnB). Foi editor das revistas *Em Tempo de Histórias* (2007-2008), *Museologia e Interdisciplinaridade* (2012-2016) e *VIS* (2015-2016). Atualmente, é membro da Equipe Editorial da revista *MODOS*. Autor de *Museus de Fora* (Zouk, 2010) e co-organizador de *Instituições da Arte* (2012), *Histórias da arte em exposições* (2017) e *Histórias da Arte em Acervos* (2016).

Coleções e acervos públicos de arte estão diante de novos dilemas na segunda década de nosso século, frente aos efeitos e às narrativas que colapsam o lugar do político convencional. Uma crise de legitimidade se impõe: o que devemos selecionar, preservar, expor? Torna-se urgente compreender como os acervos buscam exprimir a diversidade disjuntiva da sociedade atual, se posicionam a partir das narrativas decoloniais, se alinham à educação antirracista e às políticas de gênero. O “contemporâneo” violento de uma era da pós-verdade impõem-se à arte, que desafia, por sua vez, as antigas práticas museológicas.

Ana Pato

Curadora independente, pesquisadora e professora. Doutora pela FAU/USP. Foi curadora das exposições 20º Festival de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil, Quanto Pesa uma Nuvem?, de Giselle Beiguelman e curadora-chefe da 3ª Bienal da Bahia. É autora do livro Literatura Expandida: arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foerster (2012). Publicou, ainda, a coletânea Mabe Bethônico: documentos - arquivos e outros assuntos públicos (2017). Em suas pesquisas, dedica-se às relações entre arte contemporânea, arquivo e memória.

Arquivo e ficção: um programa de ação curatorial

Pretendo apresentar o programa de ação curatorial Arquivo e Ficção que tem como meta imaginar os processos de construção da história brasileira. A metodologia de trabalho consiste na articulação de pesquisas artísticas e na formação de grupos de trabalho em torno de arquivos e acervos. Diante da invisibilidade e do risco de apagamento que os acervos documentais e artísticos vivenciam, a ação se articula no desejo de repensar as instituições de memória e suas práticas.

Floriano Romano

Histórias **anônimas**

Artista plástico, professor da Escola de Belas Artes da UFRJ. Criou o programa de rádio O Inusitado no Rio de Janeiro (2002 a 2004). Recebeu os prêmios: CCBB Arte Contemporânea (2015), Marcantonio Vilaça (Funarte) e Projéteis de Arte Contemporânea. Exposições: Errância (CCBB, RJ) e Muro de Som (Parque das Ruínas, RJ), Exposição Prêmio Marcantonio Villaça (SESI, MAC/USP, SP), TRIO Bienal de Escultura (CCBB), SONAR (Casa de Cultura Laura Alvim, 2013). Teve transmissões sonoras emitidas em Nova Iorque (2004), Eslovênia (2006), Londres (2008) e Rio de Janeiro (2005/2007).

A questão da documentação é importante na arte e na história, mas alguns documentos tonam-se fundamentais por sua especificidade e conteúdo político quando proibidos. A censura que se caracterizou com muita força no Brasil durante o período da ditadura militar ainda é presente em diversas áreas estratégicas. O trabalho indaga a nossa condição de acessar nossa própria história enquanto cidadãos de uma democracia e sobre o fantasma político que nos nega esse acesso no contexto da multiplicação das redes sociais e de novas formas de comunicação.

Cristiana Miranda

Cineasta experimental, restauradora de cinema e professora do ensino superior. Doutoranda em artes no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UERJ). Curadora da mostra anual Dobra - Festival Internacional de Cinema Experimental (Rio de Janeiro). Realizou os filmes: Tantas vozes no silêncio do agora (2018), Sobre aquilo que nos diz respeito (2016), Vermelha é a luz do freio (2013), Maçã com sabor de gasolina (2012). Participou de diversos festivais, mostras e exposições, incluindo Crossroads Film Festival (San Francisco, EUA, 2017). Teve uma retrospectiva na Cinemateca do MAM-RJ (2017), Pequenos Poemas - Filmes de Cristiana Miranda.

A hidra do Iguaçú

A pesquisa artística lida com histórias esquecidas de luta e reinvenção. Pretende encontrar nos documentos históricos existentes no Arquivo Nacional os brilhos das histórias esquecidas dos quilombos da Baixada Fluminense. A Hidra do Iguaçu será um filme em busca dos antigos vínculos com as histórias de atravessamentos que nos formaram, histórias que cruzam oceanos, sobem o leito dos rios, penetram savanas e florestas, onde correm os ventos que buscam a liberdade.

Christus Nóbrega

Artista, professor e pesquisador, atuando na graduação do Instituto de Artes da UnB e na Pós-graduação em Artes visuais (PPGAV-UnB). Prêmios recentes: Programa de Patrocínio do Centro Cultural Banco do Brasil (2017), Programa de Residência Artística do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2015). Exposições: CCBB (Brasília e BH, 2017-2018), Centro Cultural Correios (SP, 2016), Museu de Arte do Rio (RJ, 2015), Caixa Cultural (RJ, 2015). Obras em acervos públicos: Fondation Cartier pour l'Art Contemporain (Paris); Museu de Arte do Rio (RJ); Museu Nacional (Brasília).

O paraíba: profecia e prenhoção dos fluxos migratórios

Pretendo apresentar a pesquisa artística proposta ao projeto Vidas Precárias (exposição), O Paraíba: profecia e prenhoção nos fluxos migratórios, discutindo a história da chegada dos primeiros paraibanos no Rio de Janeiro. A partir da análise de documentos históricos disponíveis no Arquivo Nacional problematizaremos, por meio de uma produção poética, a construção do conceito de precariedade atrelada ao termo 'paraíba'.

Leila Danziger

Artista plástica, professora e pesquisadora, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação (PPGARTES) do Instituto de Artes da UERJ. É bolsista Produtividade do CNPq, do Programa Prociência da UERJ/Faperj e Cientista do Nosso Estado (Faperj). Exposições: Ao sul do futuro (individual), Museu Lasar Segall (SP, 2018); Navios de emigrantes (individual), Caixa Cultural (Brasília, 2018); Hiatos, Memorial da Resistência/Estação Pinacoteca (SP, 2017); Livres uniques, Espace Topographie de l'Art (Paris, 2017). Publicou Três ensaios de fala (2012) e Ano novo (2016), ambos pela 7Letras.

Praça onze

Que operações sensíveis de associação e montagem são capazes de trazer o documento histórico para o aqui e o agora do nosso presente? Como responder à tarefa de produzir alguma redenção pela arte? A atenção à qualidade dos gestos desenvolvidos no decorrer de minhas práticas são vitais no projeto. A fotografia, a fotogravura e o carimbo são importantes meios plásticos nos processos de edição. Que gesto é editar? – eis a pergunta que vem percorrendo minhas pesquisas, e, nesse caso, volta-se para uma praça no coração da memória do Rio de Janeiro.

Pedro Hussak

Professor e pesquisador, atuando na graduação e Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL-UFRRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atuou como professor visitante Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (2017). Doutor em Filosofia pela UFRJ e estágio pós-doutoral pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (2014). Foi coordenador do PPGFII-UFRRJ (2015-2017). Publicou Educação Estética: de Schiller a Marcuse (2011). Foi editor convidado do dossier Rancière (Aisthe, UFRJ) e do dossier Arte Contemporânea: Anacronismo e pós-conceitualismo (Poiesis, UFF).

Estética e decolonização: "O Leão de Sete Cabeças" de Glauber Rocha

Este trabalho consiste em uma análise do filme "O Leão de Sete Cabeças" que Glauber Rocha realizou em 1970 no Congo Brazzaville. O texto terá dois enfoques: por um lado, pensar como o debate político sobre a questão da descolonização da África recai em um debate sobre a descolonização da estética. Por outro lado, trata-se de mostrar que o filme ultrapassa o didatismo político que o contexto da época poderia sugerir para abraçar uma visão messiânica, baseada no que mais tarde Glauber vai chamar de "Cristo do terceiro mundo".

Ana Maria Albani

Doutora em Artes Visuais-História, Teoria e Crítica (UFRGS), professora permanente nos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais e de Museologia e Patrimônio (UFRGS). Curadora e crítica de arte, integra o Conselho da Fundação Vera Chaves Barcellos (RGS). Entre 2015/2016, foi vice-presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Com Alexandre Santos, publicou a coletânea *Imagens: Arte e Cultura* (UFRGS, 2012). Publicou também o livro integral *Espaço N.O. Nervo Óptico* (Funarte, 2004), entre outras publicações sobre arte contemporânea no Brasil.

Conexões (in)tensas em circuitos precários

Em 1979, o Centro Alternativo de Cultura Espaço N.O. iniciou suas atividades em Porto Alegre como um lugar gerenciado por artistas e concebido como um lugar para ativação do circuito de arte contemporânea, funcionando como espaço de encontros, debates, cursos e exposições. A comunicação discute o papel dos espaços de arte ditos “independentes” enquanto lugares de posicionamento e resistência, pensando as relações e diferenças entre as proposições pioneiras dos anos 70 e o contexto atual.

Rosana Paulino

Artista e doutora em Artes Visuais em Artes pela ECA-USP, com especialização no London Print Studio (Londres, 1998). Foi bolsista da Fundação Rockefeller (2014), da Fundação Ford (2006/2008) e da CAPES (2008/2011). Recebeu os prêmios ABCA como melhor produção contemporânea e o Prêmio Bravo! de Cultura (2018). Exposições: ASSENTAMENTO (Colgate University, Nova York, 2018), Atlântico Vermelho (Lisboa, 2017) e Histórias Afroatlânticas (coletiva - MASP - 2018). Possui obras em museus como MAM – SP; UNM - University of New Mexico Art Museum, USA, Museu Afro-Brasil SP e MASP, SP.

Vozes ocultas

O projeto Vozes Ocultas discutirá a influência do racismo científico do final do século XIX e início do XX no Brasil e seus ecos no presente. A ideia adotada no período via com maus olhos a presença de alguns corpos, notadamente negros e indígenas, e a própria natureza, vista como selvagem, do país. Para tanto, estes deveriam ser eliminados cultural ou fisicamente, para o “progresso” da nação.

Tato Teixeira

Artista visual e performer. Doutorando em Artes (PPGARTES-UERJ). Exposições: Centro Cultural da Justiça Federal (RJ, 2016), Sesc (RJ, 2013), Abrigo de sonhos/Chuva de ideias no Festival Internacional de Teatro de Angra (Angra dos Reis, 2013), Museu de Arte Moderna (RJ, 2011), Fundação Rockefeller (Nova Iorque, EUA). Desenvolve pesquisa artística em torno do conceito “corpo disponível”, voltando-se para as histórias da região do sudeste do Rio de Janeiro, de onde é originário, para abordar a vida e a memória relacionadas à Estrada de Ferro da União Valenciana.

As estações da pesquisa
na **imagem pensativa**

Pretendo investigar histórias da região do sudeste do Rio de Janeiro, de onde sou originário, abordando a vida e a memória relacionadas à Estrada de Ferro da União Valenciana. Esta pesquisa está relacionada ao Doutorado em curso na UERJ, onde desenvolvo pesquisa artística em torno do conceito de “corpo disponível”, que se desdobra no que venho chamando de “sistemas de contato e fraturas em territórios de afeto”. Proponho articular objetos, documentos e relatos em imagens que possam atualizar questões em torno da vida dos trabalhadores envolvidos na construção das estradas de ferro e pensar o território de afeto que se forma no presente.

Ruy Braga

Insurgências plebeias:
a política do precariado
sob o novo neoliberalismo

Professor do Departamento de Sociologia da USP e ex-diretor do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (Cenedic) da USP. É autor, entre outros livros, de “A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista”, obra finalista do Prêmio Jabuti. Seu mais novo livro é “A rebeldia do precariado”.

Nesta palestra, pretendemos discutir a relação entre neoliberalismo, precarização das condições de vida e de trabalho e formas insurgentes de resistência à terceira onda de mercantilização a partir da análise da transformação da estrutura de classes sociais em três países da semiperiferia capitalista: Brasil, África do Sul e Portugal. Assim, pretendemos apreender a atual crise da globalização capitalista a partir do olhar dos setores sociais que mais vivamente sentem seus efeitos sociais deletérios, isto é, aqueles grupos sociais subalternos submetidos às dinâmicas da acumulação por espoliação dos direitos sociais.

Patrocínio



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
ARQUIVO NACIONAL



Apoio



Realização

